

## O Golpe Civil-Militar e os usos da fotografia na *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* - edições de 31.03.1964 e 02.04.1964

The Civil-Military Coup and the uses of the photography in the *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* – March 31, 1964 and April 02, 1964 issues

**Thomas Dreux Miranda Fernandes**  
Doutorando em História  
Università Degli Studi di Cagliari  
thomas.dreux.fernandes@gmail.com

**Recebido em:** 14/11/2020

**Aprovado em:** 25/01/2021

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar os usos da fotografia e compreender suas intenções dentro da construção narrativa jornalística nos periódicos *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* durante o golpe civil-militar de 1964 no Brasil, tratando especificamente das edições publicadas nos dias 31.03.1964 e 02.04.1964. A análise se justifica na necessidade de compreensão dos diferentes usos das linguagens disponíveis e da construção narrativo-discursiva como uma forma de criar novos entendimentos sobre disputa discursiva e suas consequências na apreensão do que foi a Ditadura Civil-Militar e sua relação com parte da imprensa nacional. Para tanto, a partir de uma proposta de desconstrução analítica das imagens e tendo como base teórica o conceito de Dialogismo proposto por Mikhail Bakhtin/Volóchinov, foram observadas através de variações no uso da linguagem fotográfica algumas diferenças de abordagem entre as duas publicações.

**Palavras-chave:** Regime Civil-Militar; Fotografia; História da Imprensa; Dialogismo.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the uses of photography and understand the intentions of such use within the journalistic narrative construction in the newspapers *Folha de S. Paulo* and *Jornal do Brasil* during the 1964 civil-military coup in Brazil, dealing specifically with the issues published in the days March 31, 1964 and April 2, 1964. The analysis is justified by the need to comprehend the different uses of available languages and narrative-discursive construction as a way of creating new understandings about discursive dispute and its consequences in apprehending what was the Civil-Military Dictatorship and its relationship with part of the national press. Therefore, starting from a proposal of analytical deconstruction of the images and having as a theoretical basis the concept of Dialogism proposed by Mikhail Bakhtin / Volóchinov, some differences in approach between the two publications were observed through variations in the use of photographic language.

**Palabras clave/Keywords:** Civil-Military Regime; Photography; History of the Press; Dialogism.

## Apresentação

Uma fotografia, diferente de um texto escrito, é uma mensagem que se apresenta de maneira aberta, ou seja, não há um conjunto de regras objetivas a serem seguidas tanto na sua produção quanto na sua leitura e interpretação. Seus limites são, assim, flexíveis em ambas as etapas do processo comunicativo. A fotografia se apresenta também como um código contínuo – os significados estão sempre em transformação e mudam a cada nova interação entre imagem e seu público leitor, proporcionando um constante movimento entre as possibilidades de leitura das imagens e os diversos repertórios, criando diferentes significações de uma mesma fotografia. (BONI, 2002, p.39). É justamente a noção de interação e movimento constante que fundamenta a presente reflexão: Valentin Volóchinov (2018), membro do Círculo de Bakhtin, propõe que a significação no enunciado se constrói justamente a partir das diversas possibilidades de interação.

Um jornal, ao mesclar a linguagem imagética das fotografias com a linguagem verbal do texto, proporciona um encontro de códigos gramaticalizados e não gramaticalizados – um analfabeto não consegue ler uma manchete, porém lê uma fotografia. Ao fazer isso dá-se a interação necessária a ambas as formas de texto – verbal e visual – veremos adiante que a relação das fotografias com as legendas e demais textos é fundamental para que o leitor se localize e localize um evento dentro de determinado contexto histórico. Acrescentamos ainda uma camada de leitura da fotografia que a tornou tão útil e sedutora para a imprensa, enquanto ferramenta discursiva, a fotografia nasce no meio de um contexto científico-positivista e será usada como modo de declarar que se está dizendo a verdade, ou então, como representação física da verdade. Porém, ao mesmo tempo a fotografia pode ser usada para mentir. Paradoxalmente, é preciso reconhecer que é exatamente por causa do seu momento de nascimento que a fotografia se permite mentir, pois uma boa mentira só é boa quando parece ser crível. (MARRA, 2017).

Assim, o que propomos é tentar indicar e compreender qual o papel da fotografia na formulação discursiva dos periódicos *Folha de S.Paulo* e *Jornal do Brasil*, partindo da decomposição analítica da linguagem fotográfica utilizada nas imagens dos eventos ligados ao golpe civil-militar de 1964<sup>1</sup>. Destacando a importância da interação entre imagens e textos, e procurando, portanto,

---

<sup>1</sup> Para a realização da presente análise foram consultados os arquivos digitalizados dos periódicos disponíveis em: <https://acervo.folha.com.br/index.do> e <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC>. O arquivo do *Jornal do Brasil* possui a vantagem de estar disponibilizado de forma inteiramente gratuita e, na maioria dos casos, conservado com mais qualidade. Último acesso em: 25.01.2021.

sair do plano aparência do real indicada na superficialidade do discurso jornalístico e fotojornalístico, aprofundando-se em direção à essência desse discurso, ou seja, sua necessária relação com o contexto, horizonte social e realidade material. (FIORIN, 1988). O Regime Civil-Militar que se instalou no Brasil em 1964, teve em grande medida seus alicerces fundados em uma disputa narrativa que tomou como pontos centrais a chamada “ameaça comunista”, a “defesa da democracia e liberdade” e o “amor aos valores do Brasil e dos brasileiros”. Dentro dessa disputa, a participação dos grandes órgãos de imprensa ganhou relevância, especialmente em um contexto de crescimento do alcance da imprensa junto à opinião pública. Os anos 1960 viram nascer a força mobilizadora da televisão, os jornais impressos, contudo, ainda possuíam importância comunicacional consolidada também graças à fotografia e, no caso de alguns periódicos brasileiros, graças à aproximação ideológica ao regime, que trouxe, por sua vez, retribuições materiais significativas para a manutenção e crescimento de tais jornais. (DIAS, 2019, p.473). Por fim, é também importante destacar o fato de que uma proposta de análise histórica feita quase sessenta anos depois carregará consigo as particularidades de seu tempo e de seu horizonte social.

### **Objeto de Estudo**

Na primeira metade do século XIX, quando Joseph Nicéphore Niépce, Louis Jacques Mandé Daguerre e Antoine Hercule Florence<sup>2</sup> tornaram possível a apreensão e impressão da realidade, escrevendo com a luz, a reprodução do mundo em imagens era ainda muito ligada à habilidade dos pintores e desenhistas. O ato de fotografar a realidade passou a carregar nas suas reproduções um pedaço dessa realidade através da continuidade química no papel e simbólica no imaginário de seus leitores (DUBOIS, 1993, p. 98). No início, as imagens dedicavam-se a retratos e cartões de visita – modalidades com muito espaço entre as classes sociais mais elevadas, criando uma espécie de auto representação da burguesia em ascensão - em seguida, dedica-se às imagens de viagens e documentação social. Expressando a vontade de narrar o mundo, surge, assim, uma estética que resume o pensamento da classe burguesa dominante. (GUADAGNINI, 2010).

Nascida, portanto, da síntese entre Ciência, Arte e Indústria, a fotografia foi possível graças ao contexto no qual surgiu - o século XIX reuniu as condições materiais, intelectuais e

---

<sup>2</sup> Niépce (1765-1833) em 1822, ao criar a heliografia foi o primeiro a imprimir uma imagem, porém com uma exposição de oito horas, Daguerre (1787-1851) realizou em 1839 a fixação da imagem em uma placa de cobre. Florence (1804-1879) nasceu na França, passou a maior parte da vida no Brasil, em 1833 imprimiu a imagem de uma câmera escura no papel. A descoberta isola da fotografia no Brasil foi reconhecida em 1976 no Instituto de Tecnologia de Rochester.

teleológicas para que a humanidade criasse tal suporte como ferramenta de apreensão e interpretação da realidade. Ainda no século XIX, a fotografia passou a fazer parte das publicações da imprensa<sup>3</sup>: os trabalhos de Roger Fenton na Guerra Criméia (1855), ao lado da cobertura de Matthew B. Brady na Guerra de Secessão nos EUA (1861-1864), são considerados eventos inaugurais do fotojornalismo. (FREUND, p.97). A partir daí, surgiram outras formas de fazer fotojornalismo, como demonstraram os trabalhos de denúncia social de Jacob Riis na década de 1880 - que, graças à invenção do flash, retratou as condições de vida de imigrantes europeus e hispânicos em Nova Iorque -, o documentarismo social de Thomas Annan em Glasgow, os registros de Paris feitos por Charles Marville antes da reforma urbana no século XIX ou ainda, nos anos 1900, as fotografias de Lewis Hine - expoente da “Straight Photography<sup>4</sup>” - denunciando o trabalho infantil em diferentes pontos dos EUA, com uma proposta de construção comunicativa clara, as imagens eram cenas compostas e vinham sempre acompanhadas de legendas. (GUADAGNINI, 2010).

Contudo, a grande alteração na prática cotidiana do fotojornalismo e na leitura das imagens se deu na década de 1920<sup>5</sup>, mais precisamente em 1925 e 1927, quando foram lançadas as câmeras Ermanox e Leica, respectivamente. Para Freund (1993), tal mudança tecnológica deu ao fotojornalismo agilidade, versatilidade e descrição – características fundamentais para um maior alcance temático mas, sobretudo, para a realização de fotografias que não contassem com o consentimento do fotografado, possibilitando uma espécie de “roubo” do momento. Altera-se, portanto, a relação material entre o fotógrafo e o real, em outras palavras, através das novas câmeras fotográficas a interação do fotógrafo com o mundo no qual ele está inserido se alterou, e dessa forma, mudaram também o olhar e os registros produzidos. Nesse sentido, na Alemanha, Erich Salomon<sup>6</sup> inaugurou o fotojornalismo moderno (FREUND, 1993), o que se viu no início do século XX foi uma demonstração de uma escolha, da preferência por imagens imperfeitas, porém mais próximas do real justamente por sua capacidade de veridicção:

---

<sup>3</sup> Somente em 1904 um jornal diário publicou uma fotografia, tratou-se do periódico inglês *Daily Mirror*.

<sup>4</sup> Na primeira metade do século XX a “Fotografia Direta” nasce em oposição ao Pictorialismo e a ideia de manipulação das imagens e negativos. O objeto era reforçar as características da linguagem fotográfica como apreensão do real.

<sup>5</sup> Nos anos 1920 as imagens já eram usadas em diversos órgãos de imprensa, especialmente revistas: *Vu* (França), *Time Life* (EUA), *AIZ* (Alemanha). Destacando um novo patamar de objetividade tendo a fotografia como prova do real.

<sup>6</sup> Salomon (1886-1944), inaugura a “Fotografia Cándida em seu livro “Contemporâneos Célebres Fotografados em momentos inesperados” (1931), estilo que através de seus testemunhos do cotidiano consolidou o fotojornalismo.

A força conceitual da fotografia, de toda fotografia, mas podemos acrescentar de forma mais determinante a força da fotografia de reportagem, está de fato no “corpo a corpo” [...] e na sua capacidade de sugerir que alguém (o fotógrafo), em um determinado momento, se encontrava efetivamente de frente a tal sujeito e se relacionava com este, era uma testemunha e finalmente, de frente à imagem poderá dizer: “aconteceu”. (GUADAGNINI, 2010, p. 65).

Robert Capa e Henri Cartier-Bresson<sup>7</sup>; na primeira metade do século XX, contribuíram, através da Agência Magnum criada em 1947, não só a dar velocidade, veridicção e dinamismo para a difusão de informações através de imagens, mas também a expressar uma ideia, um ideal através da fotografia.

O caso do fotojornalismo brasileiro carrega consigo um atraso nas atualizações técnicas que denuncia a dependência sistêmica do país desde o momento de sua independência. Já no final do século XIX, o objetivo das publicações era, antes de qualquer outra coisa, o lucro, afinal essa já era a fórmula para a sobrevivência. De acordo com Boni (2002, p.214), o *Jornal do Brasil* é um exemplo, pois nasceu como uma publicação monarquista e trocou de roupagem ideológica para continuar existindo. A primeira publicação jornalística brasileira que contou com fotografias foi a Revista *A Semana* publicada em 1900. Ainda que, nesse momento, não tenha atingido as publicações de massa, abriu-se o caminho para outros periódicos adotarem a fotografia enquanto forma de aprofundar a expressão. (KOSSOY, 2014, p.90). Em 1928, a Revista *O Cruzeiro*, representou um grande avanço em termos de linguagem fotográfica ao ir além do que estava sendo feito nos periódicos cotidianos, ou seja, ao invés de publicar apenas fotografias esparsas na edição, pela primeira vez na imprensa brasileira, passou-se a tentar construir uma narrativa documental com as fotografias publicadas. (BONI, 2002, p.223).

A presente reflexão, portanto, toma a fotografia como elemento central de análise dos enunciados por suas características expressivas que permitem diferentes usos e interpretações através de uma única imagem. Uma fotografia, por não estar inserida em uma estrutura formal de códigos como um texto verbal, pode ser lida e interpretada por qualquer indivíduo e de diferentes maneiras. (BONI, 2002). Assim, foram selecionados os jornais *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, pois, de um lado e, de acordo com Dias (2020), a partir da década de 1950 o diário paulista

---

<sup>7</sup> Pseudônimo de Enre Enrö Friedman (1913 – 1954), Capa cobriu os maiores conflitos armados da primeira metade do século XX trabalhou para a revista *Life* e fundou a Agência *Magnum* ao lado de David Seymour, George Rodger e Cartier Bresson (1908 – 2004), este último, célebre por criar o conceito de “momento decisivo” começou seu percurso iconográfico na pintura e nos anos 1930 migrou para a fotografia.

passou a se modernizar e aumentar sua representatividade no país e, do outro lado, o *Jornal do Brasil*, devido a sua estrutura e ao acolhimento editorial dado a fotografia, tinha uma atuação fundamental enquanto propulsor de um fotojornalismo brasileiro autoral. (ALVES, 2017)

Para tentar identificar semelhanças, coincidências e discordâncias na cobertura proposta por cada jornal e procurar entender o papel das fotografias na construção dos diferentes discursos, utilizaremos o método da Desconstrução Analítica (BONI, 2002), ao decompor a imagem fotográfica identificando as técnicas e elementos de linguagem fotográfica utilizados na construção das imagens, busca-se identificar a mensagem que se queria transmitir. É necessário destacar que tal proposta metodológica nasceu da tentativa de mapeamento da intencionalidade do fotógrafo ao realizar uma imagem, podendo gerar distorções e diminuir o tamanho da intencionalidade do órgão de imprensa, ou ainda subvalorizar o modo como a interação entre legendas, chapéus, manchetes e demais textos da página de um jornal servem como mediadores e guias para a realização das intencionalidades em termos de significação. Para tal, a proposta do presente artigo é aproximar a Desconstrução Analítica ao conceito de Dialogismo proposto em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e que está no subtexto da ideia da fotografia como um código aberto e contínuo. (VOLÓCHINOV, 2018).

### **Contexto político: João Goulart, 1964 e o golpe**

Para uma compreensão mais abrangente do que foram os eventos de 1964, as personagens e seus comportamentos, propomos um pequeno percurso ao longo dos anos que precederam a tomada do poder por parte dos militares. O golpe civil-militar, iniciado pelas Forças Armadas brasileiras na noite do dia 31 de março de 1964, completou-se no dia seguinte e foi o resultado político institucional do aumento da tensão política e social - muitas vezes proposital por parte de alguns atores reacionários da sociedade brasileira - acumulada durante ao menos três anos, especialmente após a renúncia, em 1961, do então presidente Jânio Quadros (União Democrática Nacional – UDN) e a posse de seu vice, João Goulart (Partido Trabalhista Brasileiro - PTB<sup>8</sup>).

Em agosto de 1961, João Goulart estava em viagem diplomática na China quando recebeu a notícia de que Jânio Quadros havia renunciado. Nesse momento, o Brasil viveu uma primeira tentativa de tomada do poder por parte de setores conservadores da sociedade com a

---

<sup>8</sup> Na época votava-se separadamente para Presidente e Vice, podendo ser eleitos candidatos de partidos diferentes.

anuência e colaboração de parte dos militares, impedida, porém, pela “Campanha da Legalidade”<sup>9</sup> – apoiada fortemente pelo baixo escalão das Forças Armadas. (GOMES & FERREIRA,2014, p. 42). Uma vez no cargo, Jango dedicou-se às pautas trabalhistas, e também se colocou favorável ao direito à elegibilidade das patentes mais baixas das forças armadas, grupo que foi fundamental para que ele pudesse assumir o cargo. A reivindicação pela possibilidade de participação nas eleições levou, em 1963, o movimento dos sargentos a uma sublevação e à tomada, por parte de seiscentos membros da Aeronáutica e Marinha, dos prédios do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), da Estação Central da Rádio Patrulha, do Ministério da Marinha, da Rádio Nacional e do Departamento de Telefones Urbanos e Interurbanos no Rio de Janeiro<sup>10</sup>. (LAMARÃO, 2020)

O ano de 1964 foi o momento em que as Reformas de base entraram em discussão. Estas, além de alterações na organização administrativa, bancária, universitária e eleitoral, propunham uma robusta reforma agrária e a extensão do direito ao voto para analfabetos, soldados, marinheiros e cabos, além da possibilidade de elegibilidade para todos os cidadãos. (GOMES & FERREIRA,2014). Ao longo dos anos e graças também ao apoio de determinados jornais de grande circulação nacional, construiu-se a noção de que João Goulart partilhava de um radicalismo ideológico que aproximava o Brasil de outras nações comunistas e que poderia levar o país a um possível regime comunista, embora suas propostas políticas fossem apenas de reforma social. Alguns dos grandes periódicos brasileiros, *O Estado de São Paulo*, *O Globo* e a *Tribuna da Imprensa*, se colocaram favoráveis à tomada do poder pelos militares. (GOMES & FERREIRA,2014, p.42).

Nota-se aqui a importância do cenário internacional e da disputa que estava estabelecida entre os dois grandes blocos político-econômicos ao longo da Guerra-fria. De um lado, o bloco socialista-comunista, com grande destaque para a União Soviética e, de outro, os Estados Unidos, organizando o chamado bloco capitalista. A narrativa e construção do medo e perigo comunista que as instituições estadunidenses difundiram ao redor do planeta no pós-II Guerra Mundial

---

<sup>9</sup> Um golpe militar foi evitado naquele momento graças a ação política do governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola (PTB), que organizou a resistência, contando a princípio com o apoio de alguns poucos militares, especialmente do baixo escalão – sargentos, cabos, soldados, uma rádio gaúcha e parte da sociedade civil, com o tempo, e a formação da Rede de rádios pela legalidade, obteve o apoio de grande parte da população do Rio Grande do Sul e também do III Exército. Com isso o Congresso que lutava pela legalidade passou a ter mais força contra Junta Militar. Cabe destacar que a tensão fora enorme e chegou-se muito próximo de uma guerra civil, Jango optou por voltar ao Brasil de sua viagem à China, chegando a Porto Alegre.

<sup>10</sup> Cortou-se a comunicação com Brasília e com o resto do país, poucas horas depois o movimento foi debelado por forças do exército e seus participantes presos.

obteve resultados práticos fundamentais para a manutenção da hegemonia dos EUA, sobretudo no continente americano – no caso brasileiro, a aliança com os EUA se estabeleceu ainda durante o conflito mundial e contou entre outros acordos com contrato de cooperação militar entre as partes desde o início dos anos 1950<sup>11</sup> (GREEN & JONES, 2009).

De volta ao contexto brasileiro e ao mandato de João Goulart, o que se viu foi um crescente aumento da oposição, especialmente entre o empresariado, proprietários rurais, elites urbanas e parte dos militares, sobretudo os de alta patente. No dia 13 de março daquele ano, cerca de 150 mil pessoas se reuniram em comício realizado na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, no qual o então presidente da república anunciou de maneira oficial as reformas de base, a nacionalização de refinarias estrangeiras de petróleo e um plebiscito para a formulação de uma nova constituição (GOMES & FERREIRA, 2014. p.270). A partir desse momento, militares, membros da UDN e agentes do governo dos EUA, com apoio de uma parcela importante da população<sup>12</sup>, passaram a organizar a deflagração de um golpe de estado. O mês de março de 1964 foi chave para o agravamento das tensões e para a escolha da via autoritária por parte dos golpistas, que contaram com o apoio de parte da sociedade civil, confederações industriais e grupos da Igreja Católica, estes, logo após o comício da Central do Brasil, organizaram a Marcha da família com Deus pela Liberdade em São Paulo se opondo ao governo de Jango e tentando dar legitimidade aos opositores militares (LAMARÃO, 2020).

No espaço de poucas semanas, se desenrolou no Rio de Janeiro a Revolta dos Marinheiros. No dia 25 de março de 1964, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, era comemorado por cerca de dois mil marinheiros o segundo aniversário da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, ilegal naquele momento e apoiadora das reformas de base de Jango. O então ministro da Marinha, Silvío Mota, emitiu ordem de prisão e enviou um grupo de fuzileiros para o local – que, ao invés de prenderem os marinheiros, aderiram à revolta. Nota-se, portanto, a cisão que existia dentro das próprias Forças Armadas em torno do governo de João Goulart e suas propostas de reformas sociais para o país. Acrescentando água na fervura, o presidente da república emitiu ordem proibindo a invasão da sede do Sindicato. Silvío Mota, em reação, demitiu-se, os marinheiros, presos, deixaram o prédio somente no dia seguinte. Jango,

---

<sup>11</sup> A cooperação entre os dois países foi contínua nas décadas de 1950 e 1960, militares brasileiros de alta patente frequentavam escolhas militares nos EUA. Nos meses que antecederam ao golpe de 1964 foi organizado um conjunto de operações batizado de “Operação Brother Sam” que tinha por objetivo auxiliar os militares brasileiros.

<sup>12</sup> É importante ressaltar que neste momento os grupos políticos golpistas se declaravam democráticos, pois o movimento era, de acordo com seus executores, uma tentativa de frear um suposto golpe comunista no Brasil.

contudo, anistiou os revoltosos no dia 28 do mesmo mês, o que causou insatisfação nas altas patentes por quebra de hierarquia (LAMARÃO, 2020). Faltava, porém, o pretexto final para o golpe. No dia 30 de março de 1964, Jango, a convite, foi a festa de posse da nova diretoria da Associação de Sargentos e Suboficiais da Marinha no Rio de Janeiro. Em reportagem da Revista *O Cruzeiro*, publicada em 10 de abril de 1964, poucos dias após a consolidação do golpe, é apresentado um breve roteiro que foi a ida do presidente à reunião no Automóvel Clube carioca.

Há alguns meses a Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Ministério da Justiça (a que optou pelo serviço federal) convidara o Sr. João Goulart para se fazer presente à festa do 40.º aniversário da entidade, convite êste adiado, a pedido do próprio Sr. Goulart, para outra oportunidade. Sentindo, porém, o Presidente, que se avolumavam as críticas contra a sua orientação julgada “quebrantadora da hierarquia e disciplina militares”, principalmente no caso dos marinheiros chefiados pelo Cabo José Anselmo, quis dar uma demonstração de força e prestígio junto aos escalões menores das Forças Armadas, aceitando a homenagem que lhe seria prestada pelos subalternos sediados na Guanabara, que aceitavam a sua orientação. (CARNEIRO, 1964)

Vê-se novamente e, nesse caso, colocado no próprio discurso de parte da imprensa, a cisão existente dentro das forças armadas. Este foi o último discurso de João Goulart. Partiu no dia seguinte o golpe e chegamos, assim, ao início da nossa análise do discurso fotográfico: no dia 31 de março, jornais de todo o Brasil relataram e retrataram a ida de João Goulart ao Clube Militar, assim como sua fala em seu último evento como presidente da república.

### **Decomposição analítica das fotografias**

*31/03/1964 – Folha de S. Paulo*

A capa desta edição do jornal apresenta três fotos, distribuídas aproximadamente cada uma em um dos terços da página. Nos dedicaremos à fotografia colocada mais ao alto, ligeiramente maior que às demais. A imagem está colocada abaixo da manchete: “Os Clubes Naval e Militar tomam posição conjunta” e emoldurada pelo subtítulo: “Calma e exaltação” e pela legenda: “O presidente no Automóvel Clube do Rio, momentos antes de proferir violento discurso, ouviu com calma oito oradores”, posicionada abaixo da fotografia.

A imagem, dividida em dois planos principais e com ângulo de tomada em leve mergulho<sup>13</sup>, traz, no primeiro plano, João Goulart, colocado de modo quase centralizado, sutilmente deslocado à esquerda – refletindo, talvez, seu posicionamento político – além disso, é

<sup>13</sup> Trata-se do tipo de ângulo de tomada da fotografia no qual o fotógrafo coloca-se acima do tema ou objeto a ser fotografado, é muito usado quando o objetivo é desvalorizar o sujeito retratado.

possível identificar algumas garrafas, flores e microfones sobre a mesa. No momento do registro, o então presidente estava levemente cabisbaixo, olhando para baixo enquanto – e como indicado na legenda – ouvia o discurso de outro orador. Ao seu lado direito, é possível identificar um homem, provavelmente membro do Clube Militar, pois está fardado; do outro lado – à direita na imagem - há outro homem sentado, também levemente cabisbaixo. No segundo plano da fotografia, atrás da mesa e, em pé, é possível visualizar e contar outros oito homens, alguns fardados outros não, todos muito próximos indicando a provável lotação do evento registrado.

**Imagem 1:** *Folha de S. Paulo* Edição Nº12.707 de 31 de março de 1964



*Folha de S. Paulo* Edição Nº12.707 de 31 de março de 1964. Disponível: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=1440&anchor=4448415&origem=busca&originURL=>.  
Último acesso: 13/11/2020.

É possível observar que o registro foi feito a uma distância de alguns metros da mesa em que estava o presidente e demais pessoas. Apesar do plano americano – reconhecido por ressaltar os elementos humanos na imagem construída - provavelmente a foto foi tirada através do uso de uma lente teleobjetiva, permitindo o enquadramento mais próximo dos indivíduos retratados e gerando um achatamento dos planos. Há um cuidado em relação ao enquadramento para que aqueles retratados no primeiro plano não sejam cortados - o orador, entretanto, teve parte de sua cabeça cortada da imagem, indicando a intenção do fotógrafo de enfatizar aqueles que estavam

sentados à mesa. Nessa mesma imagem, é possível observar que a nitidez focal não se altera muito nas diferentes partes da fotografia, com um ligeiro favorecimento ao primeiro plano no qual está o então presidente da república, reforçando o caráter documental da principal imagem da capa do jornal naquele dia.

Ao retratar o presidente da república de perto e com uma expressão pensativa, a fotografia permite a transmissão de uma noção ambígua: estava ele atento ao discurso de seu interlocutor e, simultaneamente, pensando no discurso que faria? É possível observar aqui uma identificação e interação fundamental entre a imagem e o trecho da legenda: “[...] momentos antes de proferir violento discurso, ouviu com calma oito oradores” – dado que, a partir da leitura da legenda, a imagem carrega, transmite e *pode significar* esse momento de espera do presidente antes de falar. A quantidade de pessoas reunidas atrás da mesa e daquele que profere um discurso no momento do registro denotam a importância daquele momento para o contexto no qual a foto foi registrada e publicada.

Assim, o discurso *violento* e a *calma* identificados no subtítulo e no texto da legenda da primeira fotografia, estariam retratados na expressão ambígua do presidente – novamente, a interação com a legenda e demais textos dispostos na capa do jornal é fundamental para a significação da imagem. É necessário destacar que as palavras *violento* e *calma* são, nos textos citados, as únicas carregadas de subjetividade e de juízo de valor por parte do periódico. Assim, tomando sempre o contexto da época como ponto de partida, é possível inferir que a *violência* imputada ao discurso pode ser consequência do momento instável de pré-golpe militar no qual o governo de João Goulart estava inserido e sabia que se aproximava, e que, nesse momento, Jango fez a escolha por um discurso que reforçava as diferenças entre seu governo e as intenções dos golpistas. Ao mesmo tempo, o uso do termo *calma* em relação às falas de oradores pertencentes ao clube militar e naval, pode indicar o fato de que tais grupos políticos eram parte do grupo de militares apoiadores de Jango, mas também às tentativas do presidente de frear as manifestações e insubordinações dos oficiais de baixa patente, como vimos acima.

Com isso, é possível afirmar que, do ponto de vista formal, a imagem propõe realizar o que pode ser chamado de “fotojornalismo objetivo” ou, ainda, pretende transmitir a ideia de documentar o evento muito mais do que interpretá-lo – construindo um enquadramento que visa colocar os personagens na cena de modo discursivamente direto, buscando reduzir ao máximo os ruídos enunciativos que a fotografia pode proporcionar. Além disso, a editoria do periódico

procurou expor os personagens, mas principalmente o presidente da república, de maneira sóbria. O subtítulo e a legenda, contudo, indicam o fato de que o discurso foi exaltado - porém - ele ouviu seus interlocutores com calma, a imagem apresenta assim uma figura ambígua, sem expressar nem a citada exaltação, tampouco extrema tranquilidade. Essa construção ajuda a promover a ideia de que o jornal *Folha de S. Paulo* está tentando retratar o fato de maneira distante, sem envolvimento político-ideológico, sem subjetividade. Entretanto, as expressões indicadas, *violento* e *calma*, ao ligarem-se à fotografia, acrescentam subjetividade e juízo de valor do periódico ao ocorrido.

31/03/1964 – *Jornal do Brasil*

Na capa da edição do *JB* de 31 de março de 1964 foi publicada apenas uma fotografia. A imagem foi disposta no alto e centro da página de maneira simétrica deixando espaço para textos nas laterais, localizada logo abaixo da manchete que destacava: “Clube Militar dá apoio ao Clube Naval”. Imediatamente acima da imagem encontra-se o subtítulo “Reforma para sargentos”, além disso, a legenda abaixo da foto informa: “O Presidente João Goulart falou longamente das reformas e disse que deseja disciplina nas Forças Armadas”.

Em termos de linguagem fotográfica nota-se, dada a aproximação do objeto e achatamento dos planos, que a imagem foi produzida através do uso de lente teleobjetiva e disposta em Primeiro Plano ou *Close-Up*. Tal combinação técnica também contribui e faz uso da redução da profundidade de campo<sup>14</sup> – apresentando notável diferença focal entre o que está no centro da imagem em primeiro plano e as periferias e plano de fundo da foto – este é um recurso muito usado para enfatizar o objeto, isolá-lo do ambiente e destacar a fisionomia do sujeito retratado. Nessa imagem, João Goulart está colocado de modo centralizado no enquadramento – dedicado, graças ao Primeiro Plano, a seu rosto, capturado de maneira frontal em um leve ângulo de *contra mergulho*<sup>15</sup>, revelando em detalhes sua expressão no momento em que discursava. São visíveis os elementos do momento em que Jango discursa: no primeiríssimo plano, ou seja, à frente do presidente, é possível identificar o microfone e também sua mão direita apontando. Ao fundo, é possível observar outras pessoas, entre eles, o que está imediatamente atrás do presidente, porta um chapéu militar. Destaca-se o fato de que a mão de João Goulart encobre

---

<sup>14</sup> Profundidade de campo trata-se basicamente da área que está nitidamente focalizada em uma imagem para além do ponto central focado. Depende de três fatores básicos: abertura do diafragma, distância focal e distância de tomada.

<sup>15</sup> Trata-se do tipo de ângulo de tomada da fotografia no qual o fotógrafo coloca-se abaixo do tema ou objeto a ser fotografado, é muito usado quando o objetivo é valorizar o sujeito retratado.

parcialmente o rosto de um de seus interlocutores a seu lado, retratado com os olhos fechados. O jogo de sombras, de grande destaque na fotografia em branco em preto, faz-se visível também no rosto do presidente da república, metade iluminado, e metade na sombra.

**Imagem 2:** *Jornal do Brasil* Ano LXXIII Edição N°75 de 31 de março de 1964



*Jornal do Brasil* Ano LXXIII Edição N°75 de 31 de março de 1964 Disponível: <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640331&printsec=frontpage&hl=pt-BR> Último acesso: 13/11/2020.

O enquadramento aproximado e centralizado, recortado no rosto de João Goulart, revela a expressão do então presidente no momento em que discursava. São nítidas, portanto, suas expressões: testa e olhos franzidos são indicadores da veemência, irritação e, possivelmente, certa dose de nervosismo em sua fala. Da mesma forma, o punho cerrado e o dedo apontado transmitem a ideia de acusação ou, em outra leitura, de ordem-imperativa. Pode-se inferir, a partir do que foi exposto até o momento, que a imagem privilegia do ponto de vista estético-formal a emoção do orador no momento do discurso. Além disso, há um jogo com a subjetividade na recepção do leitor, dado que o jogo de luz e sombra carrega um aspecto sombrio, incerto, nebuloso quanto ao destino do presidente e da nação que pode ser inferido a partir de uma leitura dos cânones sógnico-imagéticos.

É importante sublinhar o fato de que novamente, assim como na capa do jornal *Folha de S. Paulo*, há uma interlocução entre a imagem e o que está descrito no subtítulo, legendas, mas principalmente com o contexto político do momento. As propostas de reformas sociais defendidas pela agenda política de Jango que foram tema de seu discurso – destacadas, inclusive, pelo subtítulo e legenda do periódico - eram também razão de polêmica entre apoiadores e opositores do governo: tal aspecto ajuda a explicar a noção de força ou nervosismo que a imagem carrega e que, no caso do periódico anterior, está retratado nas noções ambíguas apresentadas na interlocução de *calma* e *violência*. Neste caso, porém, a interlocução criada na construção do sentido do discurso do periódico pode reivindicar que a irritação e firmeza do presidente são resultado da dificuldade política de se realizar as pretendidas reformas, deixando a ambiguidade para a imagem, uma vez que a percepção das emoções dependerá do leitor e da interação que este irá realizar, a partir de seu repertório, com o que o jornal propõe..

Do ponto de vista formal, a fotografia escolhida para a capa desta edição do *Jornal do Brasil* joga com os códigos abertos da fotografia justamente por explorar não apenas as dimensões emocionais do indivíduo retratado - dado o momento do recorte do tempo e do espaço - mas também por propor a flexibilização da subjetividade do leitor, que navega entre a ideia de nervosismo ou firmeza de João Goulart de acordo com sua leitura do momento político social que o país atravessava. Há uma clara preferência por parte da editoria do periódico em sublinhar a pauta das reformas sociais propostas pelo presidente, em destaque não apenas no subtítulo e legenda, mas também no retratá-lo como orador e não como ouvinte. Há aqui, portanto, uma diferença fundamental em relação à *Folha de S. Paulo*, essa seria uma maneira de construção discursiva e narrativa de acordo com a linha editorial do *Jornal do Brasil*, talvez em concordância com as pautas políticas propostas por Jango ou ao menos em um sentido contrário ao movimento golpista que se articulava.

02/04/1964 – *Folha de S. Paulo*

Apesar da crescente agilidade da imprensa brasileira e suas possibilidades técnicas, os jornais diários ainda levavam algumas horas para absorver os fatos. Dessa forma, julgamos mais interessante fazermos um salto para o dia 02 de abril de 1964, momento no qual é possível perceber algumas das consequências do golpe perpetrado no dia anterior, especialmente na construção discursiva dos periódicos. Um aspecto que deve ser ressaltado e que serviu de critério para a escolha das páginas e fotografias analisadas neste item, é o fato de que a capa da *Folha de*

*S.Paulo* do dia 02/04/1964 não manteve bom estado de conservação no arquivo do periódico e na sua versão on-line, dificultando e praticamente impossibilitando a visualização das imagens. É interessante, contudo, observar quais foram as informações apresentadas nas manchetes, legendas e chapéus. Tal interação se mostra fundamental para a compreensão das razões da escolha das imagens que foram impressas na página nº 6 do 1º *Caderno* do periódico naquela ocasião, assim como na comparação com o *Jornal do Brasil* como veremos adiante. Abro aqui um pequeno parêntese para tratar da citada dificuldade de conservação das imagens: o que vemos nesse caso é uma dificuldade técnica material de conservação das páginas, mas principalmente das imagens em preto e branco impressas. Pensar tal questão é central para termos sempre em mente a importância dos aspectos materiais necessários à realização das atividades intencionadas e o modo como isso altera a interação com o meio. No caso da presente análise, nos obriga a olhar para outras páginas da edição o que, a princípio, pode parecer negativo, uma vez que, em teoria, a capa reúne o que havia de mais importante a ser publicado naquele dia. Por outro lado, porém, nos permite observar outros aspectos da publicação que talvez, em uma primeira leitura, passasse despercebido.

**Imagem 3:** *Folha de S. Paulo* Edição Nº12.709 de 02 de abril de 1964



*Folha de S. Paulo* Edição Nº12.709 de 02 de abril de 1964. Disponível: [https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=1442&anchor=4420674&origem=busca&originURL=&p\\_d=bdbafdd43e3b7e860ae6a73dcbaf566a](https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=1442&anchor=4420674&origem=busca&originURL=&p_d=bdbafdd43e3b7e860ae6a73dcbaf566a) Último acesso: 13/11/2020.

Passemos então ao 1º *Caderno* daquele dia: na página nº6 estão reunidas 13 fotografias dos últimos dias com o seguinte título: “Fotos da crise”. Emoldurando as três fotos horizontais diagramadas no meio da página estão 10 retratos de alguns dos principais personagens políticos do momento, apontando quais daqueles sujeitos ali retratados se colocaram a favor ou contrários ao movimento golpista. A nossa análise, porém, irá se dedicar apenas às fotos horizontais. Na primeira das três fotos colocadas horizontalmente no centro da página é possível observar, a partir de um plano médio apresentando uma interação equilibrada entre os sujeitos e o contexto - em um ângulo de contra-mergulho, realçando os elementos em cena -, quatro homens, um dos quais está abaixado, sobre um púlpito hasteando uma bandeira. Ao fundo, é possível observar um edifício que parece ter no mínimo dois andares devido a quantidade de janelas retratadas, além uma árvore grande no terço vertical esquerdo da imagem. O fotógrafo fez a escolha por uma

grande profundidade de campo, dado que não se vê grandes diferenças na nitidez focal nos diferentes planos e elementos da imagem, embora o segundo plano esteja um pouco menos nítido. Também é possível dizer que tal fotografia foi feita com uma lente teleobjetiva, não só pela aproximação dos sujeitos retratados mas também pelo visível achatamento de planos, característico desse tipo de lente. Destacamos outros dois aspectos centrais para a interpretação desta fotografia, o chapéu da foto: “Boato iça pendão” e a legenda: “O boato correu: JG renunciou. Logo as bandeiras brasileira e paulista foram hasteadas no Mackenzie”. Estes dois elementos indicam a necessidade de leitura das informações escritas para a apreensão completa da razão da publicação daquela imagem, e sobretudo de sua relevância ao retratar indivíduos aleatórios hasteando tais bandeiras na Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo, local que tornou-se célebre pelas reuniões de apoiadores ao regime civil-militar.

Logo abaixo, outra imagem também feita com lente teleobjetiva, aproximando os elementos e achatando os planos, enquadra em plano médio, ângulo normal e com profundidade de campo média, um grupo de aproximadamente vinte soldados no que parece ser a escadaria de uma praça – graças a essa escolha de distância focal média, garante-se o foco e a atenção no primeiro plano, desfocando levemente o fundo. Na foto, é notável o fato de que muitos dos soldados retratados estão olhando para o fotógrafo no momento do registro, alguns sorriem, uns parecem estar comendo, outros apenas observam e alguns outros ainda - especialmente no canto direito embaixo da foto - estão de capacete reforçando a ideia da possível proximidade de um combate. Novamente a interação com o texto escrito se faz fundamental para a compreensão da intenção discursiva do jornal e do como a fotografia foi usada nesse sentido, o chapéu indica: “Democracia: um ideal” e a legenda: “Sorrisos joviais maream a última ‘boia’ antes do embarque. Agora vão combater em nome da democracia”. Neste caso, é notável o fato de que os soldados retratados vão, nas palavras do jornal, defender a democracia. Há aqui, portanto, uma concordância da escolha lexical e discursiva da *Folha de S.Paulo* com o discurso oficial das forças golpistas que depuseram João Goulart em nome de uma suposta ameaça comunista e consequente ruptura democrática, razão pela qual o movimento autoritário foi chamado por seus membros de “revolução”. Além disso, nota-se também o aspecto genérico da imagem retratada e da cena construída com auxílio das legendas: não há qualquer indicação de onde a cena ocorreu e para onde aqueles soldados estariam indo, expondo a intenção do jornal de transmissão de uma ideia – “as forças armadas apoiam e defenderão a democracia” – e não de um fato concreto que tenha ocorrido em determinado lugar.

A última das três fotos analisadas é um plano geral interno em mergulho do que parece ser um ginásio, uma vez que é possível observar algumas traves de um gol do que provavelmente era uma quadra poliesportiva e uma grade de proteção no segundo plano. No primeiro plano, o registro feito com uma lente grande angular – aumentando o tamanho da cena registrada – consegue captar uma mesa com diversos papéis sobre, e um grande grupo de homens aglomerados, sobretudo no lado que estava de frente para o fotógrafo. Novamente a relação com o texto escrito é fundamental, revelando mais uma vez uma postura e intenção do jornal em transmitir a essência do momento, especialmente entre os apoiadores do golpe, além de promover a ideia de um possível combate a curto prazo, ainda que nesse caso sejam fornecidas informações mais específicas. O chapéu diz: “A ordem é mais gente” e a legenda: “Mais gente para a luta é a palavra de ordem. E o alistamento de voluntários foi aberto ontem no DEFE”. O editorial da mesma edição reafirma a proposta discursiva apresentada nas imagens e nas suas interações com pequenos textos e legendas. Destaco um trecho final que, após defender a ação dos militares indicando-a como um movimento legal e de retomada da democracia, transmite a intencionalidade do jornal

Assim se deve enxergar o movimento [golpista] que empolgou o país. Representa, fora de dúvida, um momento dramático de nossa vida, que felizmente termina sem derramamento de sangue. E termina com a vitória do espírito da legalidade, reestabelecendo o primado da Constituição e do Direito. Resta-nos esperar que os focos de resistência esboçados em raros pontos logo se desfaçam, para que a família brasileira reencontre no menor prazo possível a paz à qual tanto aspirava e o povo, livre da pregação e da ação dos comunistas que se haviam infiltrado no governo volte a ter o direito, que lhe haviam tirado, de trabalhar em ordem e dentro da lei. (EM DEFESA DA LEI..., 1964, p.3).

02/04/1964 – *Jornal do Brasil*

Ao contrário do que vimos na edição da *Folha de S. Paulo*, no caso do *Jornal do Brasil*, os arquivos estão bem preservados e é possível analisar as imagens, textos e legendas sem qualquer problema. Dito isso, indicamos que, das seis fotografias publicadas na capa da edição do dia 02 de abril de 1964, analisaremos em profundidade apenas uma. As razões para tal são a ausência de espaço para um aprofundamento analítico de todas as imagens e por julgarmos que essa imagem dialoga de maneira mais direta com o que já analisamos do jornal *Folha de S. Paulo*, na sua capa ou na página nº6 do 1º *Caderno*. Assim, na capa desta edição, vamos nos deter à primeira foto que aparece ao alto e no canto esquerdo da página. Sem dúvida alguma é a fotografia de maior força expressiva da capa: publicada em preto e branco, nela se pode observar as silhuetas de dois

soldados, um colocado em primeiríssimo plano no canto direito da imagem em frente ao que parece ser um veículo militar, e o segundo soldado bem no meio no que se pode chamar de segundo plano, dado que ao fundo há ainda um terceiro plano onde se vê a entrada de um edifício. A fotografia, feita em plano médio - retratando os soldados em interação com a rua e a chuva que caía com força no momento do registro -, também apresenta uma pequena profundidade de campo, pois observa-se que o espaço de focagem nítido restringe-se principalmente ao soldado enquadrado no meio da imagem, no qual revela-se o uso de uma abertura maior do diafragma, necessário para a entrada suficiente de luz, dado que a fotografia foi feita durante à noite.

**Imagem 4:** *Jornal do Brasil* Ano LXXIII Edição N°77 de 02 de abril de 1964



*Jornal do Brasil* Ano LXXIII Edição N°77 de 02 de abril de 1964 Disponível:  
<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19640402&printsec=frontpage&hl=pt-BR> Último acesso: 13/11/2020

Além disso, a fotografia foi feita em um ângulo de contra-mergulho, colocando-se levemente abaixo da altura dos soldados. Normalmente esse recurso é usado para enfatizar o objeto retratado, mas acreditamos que, nesse caso, trata-se de um recurso técnico muito bem executado pelo fotógrafo Evandro Teixeira que procurou, através do ângulo de tomada e da composição contra luz - ressaltando o contraste do preto e branco -, indicar e enfatizar a

presença da forte chuva. Ao mesmo tempo em que a imagem é estática, pois os soldados estão parados, a chuva não foi completamente congelada pela velocidade do obturador, pois este não poderia estar ajustado de modo muito rápido para que entrasse a quantidade de luz adequada. Cria-se, assim, o efeito de cavalgada, ou seja, deu-se movimento aos pingos de chuva, criando um forte efeito estético. Por fim, devemos destacar a enorme habilidade técnica do fotógrafo ao trabalhar com condições de iluminação limitadas, em meio à chuva e, a partir de tais condições materiais, construir uma noção de contraste e tonalidade que ajudam a reforçar alguns elementos do dia e do contexto político daquele momento no país. A imagem de um soldado na chuva, durante a noite, no meio da rua, rodeado por outros militares aponta, ao mesmo tempo, o respeito deste sujeito às ordens que lhe foram dadas e à hierarquia militar, assim como a excepcionalidade do evento – a tomada do poder político no país. É possível ainda considerar que Evandro Teixeira fez uma construção imagética e simbólica bastante sombria daquele momento, talvez expressando o que era a interpretação dele do fato e que passou pelos filtros institucionais da edição do jornal.

Ainda a respeito dessa foto, destacamos novamente a interação com o chapéu e a legenda. O primeiro diz: “Fiel até debaixo d’água”, reforçando a hierarquia militar e seu papel na tomada do poder, especialmente se considerarmos que, como vimos acima, uma das principais justificativas para a deflagração do golpe dadas por seus executores foram revoltas e insubordinações das baixas patentes que apoiavam João Goulart e suas propostas de reformas sociais. Já a legenda diz: “Sozinho na chuva, um soldado do Exército controla a situação durante as comemorações da vitória”. Neste caso, a interação é múltipla, com o contexto citado das turbulências geradas pelas baixas patentes e nesse momento, é o soldado que está “sozinho na chuva” defendendo o golpe realizado por seus superiores, ao mesmo tempo a interação trata da vitória de maneira mais objetiva e sem grandes detalhes. Cabe ainda destacar que, apesar da foto ao lado apresentar um aspecto mais alegre da vitória, essa foto, em específico, não apresenta nada que pareça merecer comemoração, indicando que o periódico não se opunha necessariamente à interpretação que o fotógrafo tinha feito daquele momento.

## O enunciado fotográfico e o Dialogismo

Valentin Volóchinov<sup>16</sup>, em 1929, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, busca indicar uma direção geral do pensamento marxista sobre a linguagem e quais devem ser seus pontos metodológicos fundamentais. Ao partir de uma síntese dialética entre a filosofia neokantiana da linguagem e a sociologia marxista, procura supera-las através da construção de uma teoria do enunciado concreto, criando um conceito unificador que se baseia na noção de que “[...] a interação discursiva é a realidade fundamental da linguagem”. Para tal, Volóchinov aponta para a necessidade de construção de uma *filosofia do signo ideológico*, noção que toma o signo como o aspecto da linguagem que pode ser preenchido de ideologia com diferentes funções – para o autor, a ideologia é formada e formadora da consciência através da realidade material, ou seja, através do próprio signo ideológico<sup>17</sup>. Esse, por sua vez, se constitui através da interação social que constrói das representações, refratadas pelos interesses de classe, realizando uma síntese dialética da formação ideológica do signo. (VOLOCHINOV, 2018, p.98). Nesse sentido, o autor indica o fato de que o elemento da linguagem que cumpre o papel de signo, não só é determinado pelo real, mas também, ao refletir e refratar esse real, contribui para a formação do real, o que é para ele “O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade signica, isto é, *a luta de classes*”. (VOLÓCHINOV, 2018, p.112).

Assim, encontramos elementos teórico-conceituais que ajudarão a compreender a origem do conceito de *Dialogismo* e o modo como as condições materiais do funcionamento da linguagem estabelecem um fundamento importante para refletirmos sobre os usos da linguagem e enunciados fotográficos na construção discursiva da imprensa. Volóchinov (2018) considera que cada período histórico e grupo social terão suas formas discursivas rotineiras de comunicação ideológica: “Portanto, a *classificação das formas do enunciado deve apoiar-se na classificação das formas de comunicação discursiva*. Já essas formas são inteiramente determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sociopolítico”. E prossegue:

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições próximas da sua*

---

<sup>16</sup> Para esclarecimentos sobre a autoria e contexto da obra, sugerimos a consulta do ensaio introdutório de Sheila Grillo, tradutora e filóloga, publicado junto à última edição em português de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

<sup>17</sup> É necessário destacar que em 1929, momento de publicação da primeira edição de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* a obra *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*, escrita por Karl Marx e Friedrich Engels não havia sido publicada, algo que ocorreu apenas em 1933.

*interação*. A mudança dessas formas acarreta uma mudança do signo. (VOLÓCHINOV, 2018, p.109).

Para o autor, diversas classes podem usar a mesma língua ou construção simbólica e, dessa forma, em todo signo ideológico irão se cruzar desejos e interesses multidirecionados. O signo se transforma assim em espaço da luta de classes. Os signos, portanto, enquanto *significação*, não podem ser retirados dessa disputa, pois é justamente o fato de estar onde está que o torna capaz de fazer uma interpretação social viva, carregando consigo a *dialética interna do signo*. Dessa forma, é necessário historicizar um enunciado e sua construção discursiva, de forma a nos mantermos próximos ao seu movimento ontológico, à sua participação e usos na luta de classes. O autor soviético indica de que maneira a participação da e na disputa social viva é o que mantém o movimento constante de formação da linguagem enquanto processo, e vai além, sublinha o fato de que o signo não é uma abstração, mas - como dissemos -, o real refletido ou refratado e é, ao mesmo tempo, parte do real. No trecho abaixo, o autor aponta para a diferença de interação com as alterações sociais a partir de uma perspectiva de classe que é dominante:

Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante. (VOLÓCHINOV, 2018, p.114).

Podemos considerar então que um periódico contribui para essa reflexão e refração da realidade material do contexto social em que está inserido de acordo com seus interesses de classe. No caso do período analisado, o posicionamento dos jornais em relação ao golpe civil-militar e a ideia de que este se colocava como uma defesa da democracia e dos ideais nacionais brasileiros são, em sua essência - ultrapassando a aparência democrática-ufanista - uma defesa do ponto de vista material das ambições da classe burguesa dominante em um momento que tais interesses se viram ameaçados pelas propostas reformistas de João Goulart. Nesse sentido, retomamos Fiorin (1988), que ao analisar o sentido construído nos discursos de João Castello Branco<sup>18</sup>, aponta como se deu a narrativa completa do regime a partir da noção de que a luta existente no interior da sociedade fora algo implantado de fora para dentro:

---

<sup>18</sup> Primeiro general que ocupou o cargo de presidência da república no Brasil nos primeiros anos do regime-civil militar permanecendo no cargo entre (1964-1967).

A “disciplina do trabalho” era necessária para aumentar a taxa de mais-valia, que levaria a uma acumulação maior, que propiciaria o desenvolvimento. Para conseguir a paz social, era preciso desencadear uma repressão muito grande. Para isso, era mister controlar o Aparelho Repressivo do Estado e, por isso, Goulart derrubado. A competência necessária para derrubar Goulart era o poder das armas. Isso, porém, o discurso oculta e substitui por uma hipotética vontade popular”. (FIORIN, 1988, p.102).

Dessa forma, identificamos os enunciados jornalísticos, e o uso que é feito nestes do fotojornalismo como uma ampliação da noção monológica e fixa de determinados signos ideológicos que a classe dominante atribui aos elementos: *democracia, liberdade, pátria*, uma vez que - como vimos - dos periódicos analisados, a *Folha de S.Paulo* é de propriedade de uma família que naquele momento defendeu abertamente os interesses burgueses, e o *Jornal do Brasil* inseriu-se na lógica capitalista e entendeu, no início do século XX, a necessidade de adequação ideológica para a garantia de seus lucros e sua conseqüente existência material.

Neste ponto, passamos então a tratar da importância do conceito de *significação* no processo de construção do sentido procurando sintetizar o que é interno e externo ao sujeito – o que nos leva a aproximações com a noção de *intencionalidade* proposta por Boni (2002). Para Volóchinov (2018), a vivência interior e sua expressão exterior são resultados de uma mesma realidade, pois a *significação* é a expressão do signo com outras realidades. O signo material pode ser único, porém, o que ele significa não é uma realidade independente e isolável. Com isso, o autor procura demonstrar como as duas áreas se interligam apontando para essa síntese dialética que acontece quando o pensamento sai do contexto da consciência para o contexto da ideologia.

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva. Como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionais se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da expressão viva das forças sociais. (VOLÓCHINOV, 2018, p.140).

O que se vê, portanto, nesse constante movimento entre interior e exterior na formação do signo ideológico é a necessidade da interação com a realidade material, de forma que o mundo interior do indivíduo se adapte às possibilidades de expressão, sendo também capaz de subjetivar o que será a resposta material na realidade, consolidando o enunciado enquanto diálogo. No caso da análise aqui apresentada, estamos falando das seguintes alternativas de interação que se

refletem na expressão da imprensa, por exemplo: fotos em preto e branco, condições de impressão das imagens, seu arquivamento, o gênero jornalístico e a relação entre textos verbais e não-verbais. A interação entre essas duas formas de texto permitem, uma determinada formulação interior tanto por parte do repórteres de texto e editores quanto por parte dos fotógrafos. No caso da análise dos enunciados da imprensa, a própria interação fotografia-legenda é uma forma autônoma de enunciado e reforça a importância da interação com o texto escrito para todo tipo de imagem tanto a *documental-objetiva* quanto a *expressivo-interpretativa*. Tais aspectos modificarão a *avaliação* e formulação do sujeito – jornalista ou fotojornalista - que constrói o enunciado. Este sujeito, porém, através de sua responsividade, estará também alterando tal realidade material, sobretudo se considerarmos que a fotografia impressa, além de um suporte discursivo comunicacional, é também a continuação material química de um determinado evento. Seguindo o raciocínio de Volóchinov (2018), diferentes compreensões responsivas irão gerar diferentes alterações da realidade e conseqüentemente diferentes leituras e novas reações responsivas. Tal noção é potencializada através do suporte da fotografia, dado que este é composto de códigos abertos e contínuos que, como dissemos, está menos ou quase nada sujeito a coerções normativas. Nesse sentido, Volóchinov (2018) é preciso ao indicar o processo de interação:

Todavia, a consciência como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social. Entretanto, essa consciência não se encontra acima da existência nem pode determiná-la de modo constitutivo, pois a consciência é uma parte da existência, uma das suas forças e, portanto, possui a capacidade de agir, de desempenhar um papel no palco da existência. Enquanto a consciência permanece na cabeça daquele que pensa como um embrião verbal da expressão, ela é apenas uma parte muito pequena da existência, com um campo de ação reduzido. No entanto, quando ela passa todos os estágios da objetivação social e entra no campo de força da ciência, da arte, da moral, do direito, ela se torna uma força verdadeira, capaz até de exercer uma influencia inversa nas bases econômicas da vida social. [...] ela já era um pequeno acontecimento social, e não um ato individual interior, na forma primaria vaga de um pensamento e uma vivência instantâneos. (VOLOCHINOV, 2018, p.212).

Assim, chegamos à ideia central da obra, o conceito de Dialogismo que aponta para a interação entre enunciados como a realidade fundamental da língua. O enunciado, portanto, por mais elaborado e finalizado que esteja, é apenas um momento do discurso, da comunicação. Estamos sempre produzindo discurso a partir do que o nosso auditório nos disse, como esperamos que ele reaja e como socialmente avaliamos ser a melhor forma de interação

responsiva, ou seja, um enunciado é “apenas um momento da *constituição* ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade social. [...] A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta”. (VOLÓCHINOV, 2018, p.219). Esse conceito e sua aplicação devem, no nosso caso, ser considerados no momento em que refletirmos sobre o processo de construção enunciativa de um jornal. Como vimos, existiam interesses a serem defendidos e estes deveriam ser enunciados a um determinado auditório em um determinado horizonte social. Ambos estavam repletos de pluralidades, contudo, a tentativa do discurso hegemônico dos periódicos – sobretudo a *Folha de S. Paulo* – lançando mão também das interações discursivas possíveis e necessárias com legendas e textos complementares nas páginas analisadas, era de construir uma realidade estanque, privada de transformações, colocando assim categorias como a ideia de democracia atrelada aos interesses da classe dominante e somente a ela, sem considerar que a essência da oposição não se dava entre democracia x comunismo mas, nesse caso, a oposição possível de ser aplicada ser capitalismo x comunismo. Porém, reforçamos, o interesse de classe dos periódicos não se mostrou ser o de expor as contradições históricas existentes naquele determinado momento, mas sim, modulando a sua enunciação de maneira monológica, defender uma determinada lógica social dominante. Dessa forma, acreditamos ser esse um ótimo exemplo do como considerando que “[...] a língua [aqui podemos indicar a enunciação fotojornalística] vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2018, p.220). O golpe civil-militar é narrado como uma tentativa de vitória democrática nacionalista, não como uma resposta política autoritária ao risco de alteração da realidade material de uma parcela da população a partir de propostas de reformas sociais.

A fotografia mostrou-se útil por sua característica de exacerbação dos elementos constitutivos do enunciado e de síntese da constituição do sentido. Com isso, chegamos a outros conceitos que encaminham nossa reflexão para o fim e ajudam a compreender e completar o processo de síntese dialética proposto pelo autor. De acordo com Volóchinov (2018) além da situação histórica que o produz, é através dos *temas* que o sentido de totalidade do enunciado é expresso. “O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta. É isso que constitui o tema do enunciado”. (VOLÓCHINOV, 2018, p.228). O *sentido* é, portanto, histórico, e a linguagem pode ser usada para apreender uma experiência empírica, mas ela deve ser historicizada, mostrando que a linguagem não é uma manifestação metafísica, mas

está fundada no concreto, é dessa forma que acreditamos que deve ser vista a formulação do enunciado em um jornal. É preciso considerar também que, tendo a significação como uma potência de possibilidade de significado dentro de um tema, a sua realização material a partir do tema é central para o entendimento de que a compreensão também é dialógica, ou seja - compreender quer dizer já estar processando e criando a resposta que será dada - no caso de uma fotografia no jornal, compreendê-la pode querer dizer ler e entender o que está retratado e, a partir disso, reagir à leitura do que virá. *“Toda compreensão é dialógica. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo [...] A significação é um efeito da interação entre o falante e o ouvinte no material de um dado conjunto sonoro”* (VOLÓCHINOV, 2018, p.232).

Acima tratamos da modulação como elemento da defesa de um determinado ponto de vista ou interesse. De acordo com Volóchinov (2018), a escolha e ordem dos elementos significantes em um enunciado será determinada na avaliação e *“Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia”*. (VOLÓCHINOV, 2018, p.236). Portanto, todos os elementos de um enunciado, e aqui acrescentamos o enunciado fotográfico, são uma modulação do como e para quem se quer enunciar determinada expressão ideológica. E será essa base que tornará possível a compreensão e ampliação da existência sensível:

Os novos aspectos da existência que passam a integrar o horizonte de interesses sociais e que são abordados pela palavra e pelo *pathos* humano não esquecem dos elementos da existência integrados anteriormente, mas entram em embate com eles, reavaliando-os, alterando o seu lugar na unidade do horizonte valorativo. Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um sentido novo se revela em um antigo e por meio dele, mas com o objetivo de entrar em oposição e o reconstruir”. (VOLÓCHINOV, 2018, p.238).

E será assim que o sentido se compõe e organiza, a partir dessa ampliação dialética do horizonte social, na qual o novo, através do já existente - que por sua vez é integrado - altera o já existente, ao mesmo tempo se opondo e renovando-o. Trata-se de um processo sem qualquer estabilidade, especialmente na significação. Na fotografia, observamos como diferentes técnicas e estilos foram alterando o fazer fotográfico ao longo da história e, sobretudo o modo como tais alterações estiveram ligadas a inovações tecnológicas e formas de percepção do mundo material. No caso do Fotojornalismo, o advento da fotografia a cores e, posteriormente, da fotografia digital, trará novos elementos materiais de linguagem e interação social que irão afetar o modo

como esta passou a ser usada na expressão ideológica burguesa através da imprensa. Esse é, contudo, um campo para novas reflexões. A análise aqui realizada traz um exemplo de aplicação prática de alguns conceitos - avaliação, significação e horizonte social - tomando como base a noção de que a linguagem e a expressão compõem e são, simultaneamente, alteradas pela realidade material/social na qual estão inseridas.

### Considerações finais

Com a análise das fotografias publicadas na *Folha de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*, pretendeu-se compreender qual foi o papel das fotografias e dos diferentes usos da linguagem fotográfica na construção discursiva a respeito do golpe civil-militar de 1964, buscando criar novos entendimentos sobre os fatos e a importância da disputa discursiva no contexto. Observou-se, portanto, que o jornal *Folha de S. Paulo* posicionou-se abertamente a favor do movimento golpista e seus realizadores, criticando, em seu editorial, as ações anteriores de João Goulart que teriam levado o país àquela situação em que o golpe autoritário era necessário. Para tal, foi feito um uso da fotografia e da linguagem fotográfica de maneira supostamente objetiva, modulando o discurso jornalístico aos cânones do jornalismo moderno, que se afirmava naquele período. Dessa forma, as fotografias, interagindo com legendas, chapéus e demais textos, procuraram consolidar o consenso de que o movimento golpista estaria realizando uma “revolução” em favor da democracia e da liberdade dos brasileiros, contra uma suposta ameaça comunista representada por Jango.

O discurso “revolucionário” é a retórica da aliança das frações de classe, que se uniram para derrubar o governo constitucional de Goulart. Por suas lacunas e contradições o discurso revela o que deseja ocultar: que é o discurso da classe dominante e que as finalidades do movimento de março foram a contenção da participação política das classes subalternas e a dinamização da acumulação capitalista. (FIORIN, 1988, p.152)

O que observamos foi o fato de que, nesse momento histórico, os periódicos analisados, sobretudo a *Folha de S. Paulo*, atuaram como amplificadores do discurso golpista e reproduziram enunciados que representavam os interesses de classe dos executores do golpe, nesse contexto a fotografia serviu também como referencial de veridicção dos fatos e eventos retratados, porém, através do distanciamento proporcionado pela análise histórica, verifica-se que a fotografia também amplificou as lacunas de tal discurso interessado. Além disso, apontamos à necessidade de historicizar a produção do enunciado, pois este é um caminho para se compreender seus usos

ativos e socialmente vivos nas disputas cotidianas. Fiorin segue essa linha de pensamento ao indicar o aspecto monológico do discurso oficial do regime:

O discurso “revolucionário”, assim como o discurso religioso tradicional, é o discurso da “impotência política”. Retirada a história da estória, sobra a ordem social como algo natural. O discurso visa a manutenção do *status quo*, quer impedir a transformação, inculcando o conformismo e a resignação, deseja que uns sujeitos se submetam a outros. A finalidade última do discurso é repetir sempre o mesmo, é reproduzir as relações de produção. (FIORIN, 1988, p.153).

Nesse sentido, o uso da fotografia enquanto meio, dentro de um processo dialógico, atua de maneira dialética no reforço do discurso monológico oficial. Ao mesmo tempo, porém, por se tratar de um suporte com códigos abertos e contínuos, nos ajuda justamente a perceber as lacunas e contradições que o enunciado revela, especialmente quando colocado em contato com a realidade material do período ou com outro periódico, como é o caso do *Jornal do Brasil* – transformando ativamente a realidade da nova leitura.

A análise do *Jornal do Brasil* revelou uma atuação pragmática e discursiva diferente frente aos mesmos eventos. Ainda que preso à lógica de defesa dos interesses de classe, tal jornal mostrou-se mais aberto e disposto a retratar os eventos, dando a João Goulart um aspecto mais humanizado, além de não condenar diretamente suas propostas de reformas sociais. A partir e graças a essa abordagem dos fatos, observou-se também um uso das fotografias na construção enunciativa de forma a permitir que as intencionalidades e interpretações dos fotógrafos aparecessem de maneira mais frequente, dado que em algumas das fotografias que tratamos os elementos da linguagem fotográfica carregam grande força expressiva e estética para o enunciado.

A fotografia talvez seja - por seu código aberto – uma das melhores expressões do que Volóchinov (2018) se propunha a pensar, a língua, a ideologia e o discurso, pois permite de maneira mais direta as reflexões e refrações que irão compor a significação do enunciado em uma via de mão dupla entre o enunciador e seu auditório. Em nossa análise, são notáveis os diferentes recortes e usos de um mesmo evento, abrangendo interesses de classe – representados na intencionalidade editorial dos jornais - e individuais - com maior ou menor subjetividade representados nas interpretações dos fotógrafos. Assim, destacamos importância de se entender as nuances dos enunciados a respeito do golpe civil-militar de 1964, a compreensão das ferramentas de enunciação utilizadas, suas interações e a consequente historicização que nos transportam do que permaneceu nos jornais como a aparência dos eventos históricos para a sua

essência material histórica.

### Referências bibliográficas

ALVES, Fabiana Aline. **Fotojornalismo a força: ângulos e planos dos agentes políticos no regime militar brasileiro (1966-1975)** Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2017. 217p.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARNEIRO, Gláucio. **Fala aos Sargentos: Princípio do Fim.** O Cruzeiro: Online. [s.l.]. 10.Abr.1964. Disponível em: < [memoriaviva.com.br/ocruzeiro/10041964/100464\\_1.htm](http://memoriaviva.com.br/ocruzeiro/10041964/100464_1.htm) > Acesso em 27 de outubro de 2020.

DIAS, André Bonsanto. **Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014.** *Opin. Pública* [online]. 2019, vol.25, n.3 [cited 2020-10-27], pp.472-494. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010462762019000300472&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010462762019000300472&lng=en&nrm=iso)>.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios;** tradução Marina Appenzeller. Papirus, Campinas 1993.

EM DEFESA DA LEI. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr.1964. Editorial, p.3.

FIORIN, José Luiz. **O regime de 1964: discurso e ideologia.** 1 ed. São Paulo: Atual, 1988.

GOMES, Angela de Castro & FERREIRA, Jorge. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 1ª Edição.

GREEN, James & JONES Abigail, **Reinventando a história: Lincoln Gordon e as múltiplas versões de 1964.** Rev. Bras. Hist. vol. 29. n° 57. Junho 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882009000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882009000100003&script=sci_arttext) Último acesso em: 27 de outubro de 2020.

GUADAGNINI, Walter. **Una storia della fotografia del XX e del XXI secolo,** Zanichelli, Bologna 2010.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** 3ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

LAMARÃO, Sergio. A revolta dos sargentos. In: CPDOC. **A trajetória política de João Goulart.** Disponível em:

[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A\\_revolta\\_dos\\_sargentos](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_revolta_dos_sargentos) Último acesso: 10 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. A revolta dos marinheiros. In: CPDOC. **A trajetória política de João Goulart.** Disponível em:

[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A\\_revolta\\_dos\\_marinheiros](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_revolta_dos_marinheiros) Último acesso em: 11 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. A marcha para família com Deus pela liberdade. In: CPDOC. **A trajetória política de João Goulart**. Disponível em:

[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A\\_marcha\\_da\\_familia\\_com\\_Deus](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus). Último acesso: 11 de novembro de 2020.

MARRA, Claudio. **Che cos'è la fotografia**. Carocci editore. Roma, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin, 1895-1936. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018. 2ª Edição.